



RESUMO

A temática deste trabalho trata das Representações Sociais da Nova Infância e suas brincadeiras preponderantes. Seu objetivo é refletir sobre os diferentes sentidos presentes nas falas de crianças de escolas públicas e particulares no que se refere à construção das representações sociais das próprias crianças, particularizando-as na busca do perfil da “nova infância” e suas brincadeiras. Em específico, pretende-se perceber os diferentes significados que emergem da fala das crianças sobre a infância. Dessa forma, pode-se afirmar a criação de um perfil constituinte de uma nova infância como instrumento de identificação das apreensões socialmente construídas daqueles que vivem a nova infância. Nesta pesquisa, pretende-se redefinir o universo da infância, a partir das representações sociais das crianças acerca da socialização com as novas tecnologias. Neste estudo, as representações são encontradas nos saberes que os sujeitos expressam individualmente nos espaços de interação social. Esta pesquisa se propõe a compreender as significações que tais representações carregam, por meio das respostas das crianças pesquisadas. A abordagem metodológica deste estudo é de caráter qualitativo e visa compreender a representação social de crianças que atuam, em nível de ensino fundamental, na rede pública e particular da cidade de Teresina/PI. Utiliza-se a Teoria das Representações Sociais como suporte teórico para conhecer olhar do aluno (a) sobre a “nova infância” e suas brincadeiras, onde o pesquisador cria uma metodologia própria a partir da consideração dos dados e das pistas metodológicas deste referencial teórico. Foi necessário isolar os dados em agrupamentos, para efetuar a posterior categorização. Desses agrupamentos, extraímos quatro categorias que se encontram ancoradas em: infância é tempo de brincar, as brincadeiras tradicionais, brincar no computador e brincar na Internet. Os dados evidenciaram trajetórias de uma infância ainda marcada fortemente por elementos da infância tradicional. Ou seja, uma infância ainda constituída pelas práticas da tradição de um tempo de brincadeiras e como um tempo de contraposição à vida adulta. Notamos, no conjunto dos dados, uma construção social que relaciona a permanência de um núcleo vivo da infância, onde podemos perceber que, mesmo modificadas, as brincadeiras ainda fazem parte do imaginário e do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Representações Sociais – Nova Infância – Brincadeiras - Socialização.

¹ Doutor em Educação (UFPI). Professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professor da Faculdade CET e da UniFacid.

1. Introdução

As crianças moldam sua infância na perspectiva de uma sociedade de bases digitais, o celular tornou-se onipresente na realidade da sociedade pós-industrial. As necessidades básicas das crianças, pelo menos, são as mesmas. É a geração que já nasceu com o computador, internet e toda sorte de dispositivos que podem ser controlados a distância com alguns toques de dedos.

É uma geração de crianças que viveu uma infância confinada, como agora na recente pandemia do COVID-19. Por conta da violência, tem carência de liberdade e desenvolveram uma relação estreita com a tecnologia. Esse novo modo de viver, embora esconda riscos como qualquer outro, não pode ser encarado como necessariamente ruim.

Nesse sentido, é relevante porque busca oferecer uma visão sobre como a sociedade está mudando o perfil da infância na sociedade digital, constituindo uma nova infância, pretendendo mostrar o potencial que há na nova infância sob a sociedade digital, diferenciando as brincadeiras com que estamos acostumados advindas da tradição da modernidade.

Com isso, esse artigo empreende uma discussão sobre o perfil da nova infância e o otimismo que celebra a autonomia das novas gerações. O que deve ficar claro de antemão é que a ideia de infância é uma construção social, que assume diferentes formas em diferentes contextos históricos, sociais e culturais.

A história da infância é uma história de suas representações sociais. Até que ponto pode-se ver as representações sociais da infância como reflexos da realidade da vida das crianças? É creditado ao teórico Phillippe Áries (2021) a “invenção da infância”.

Assim, presente pesquisa que agora se comunica, efetuou entrevistas com crianças que estejam no 5º. Ano do Ensino Fundamental, o que irá permitir identificar as representações sociais a partir da análise do conteúdo das entrevistas.

2. As perspectivas de socialização da “nova infância”

O que as crianças fazem e o que pensam é o resultado da interação com o que está ao seu redor, o mundo externo. E desde muito cedo – já que o mundo lhes chega por meio da televisão, do telefone e da internet – a influência é importante. Mais importante ainda porque o mundo está mudando rapidamente por meio dos efeitos revolucionários das novas tecnologias (VEEN, WIM & VRAKKING, BEN, 2009).

Uma das grandes preocupações que se apresentam diante dos educadores é a questão de que o uso indiscriminado das mídias digitais consuma a infância como experiência corporal, lúdica – fazendo com que ela exista apenas na televisão, nos computadores, nos videogames, na roupa da moda – que o mundo adulto prepara para as crianças (LEVIN, 2007)

Assim, nesta pesquisa, pretende-se redefinir o universo da infância, a partir das representações sociais das crianças acerca das brincadeiras com as novas tecnologias, tornando-se necessário repensar a cultura da infância. Portanto, qual a função da infância na época atual? Como se insere a criança nesse contexto?

Postman (2002) defende que se constitui um ambiente informacional contemporâneo diferente do centrado na lógica linear e clara da leitura, ambiente esse que permitiu a constituição dessa hierarquia entre adultos e crianças. Este ambiente informacional é imagético e a comunicação é para todos. Assim, vivemos a transformação da transmissão da

informação. Daí, o referido teórico passa a especular que a infância corre o risco de desaparecer.

O mais comum é atribuir-se ao avanço da tecnologia ou acesso aos meios de comunicação tais respostas, considerando, aqui e ali, suas vantagens e desvantagens. Mas a infância estaria, de fato, desaparecendo? Caso se responda sim a essa pergunta, como as crianças de hoje poderiam ser representadas?

Nessa perspectiva, a base de investigação e análise desta pesquisa se encontra apoiada na construção das representações sociais das próprias crianças, particularizando-as na busca do perfil da “nova infância” e suas brincadeiras.

3. A contribuição teórica das representações sociais

As representações sociais são responsáveis por comportamentos e atitudes dos indivíduos na coletividade, sofrendo mudanças a partir do convívio em situações vivenciadas no grupo.

Esta premissa está posta na teoria pioneira desenvolvida por Moscovici (1978) onde as representações produzem realidades a partir do senso comum, onde elas são incorporadas e sustentadas pelas influências da interação entre sujeitos na vida social.

Moscovici (1978) defende que toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Nesse sentido, uma representação social é a organização de imagens e linguagens, pois, ela realça e simboliza fatos e atos que se tornam comuns considerando o contexto de valores, onde se insere o sujeito pesquisado, determinando comportamentos e atribuindo significados às respostas a serem dadas por esse mesmo sujeito.

Franco e Varlotta (2004), concordando com Moscovici, afirmam que as representações sociais são elaborações que os sujeitos constroem, desenvolvem e elaboram no meio social de forma subjetiva sobre determinado fato ou objeto, que se consolida em seus significados

e sentidos. No cerne deste conceito já existe uma perspectiva proposta por Jodelet (2001), pesquisadora que articulou a teoria moscoviciano no Brasil, que reconhece a dificuldade em conceituar representações sociais. Produz, então, o seguinte conceito, “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade como a um conjunto social” (JODELET, 2001).

É no contexto social de todas as formas de socialização da criança que as representações efetivam-se, ou seja, é na dinâmica da relação entre sujeito-objeto inseridos em um contexto social que constroem, reelaboram opiniões e conceitos de acordo com a história de vida de cada uma.

4. Metodologia

A abordagem metodológica deste estudo é de caráter qualitativo e visa compreender a representação social de crianças que atuam, em nível de ensino fundamental, na rede pública e particular da cidade de Teresina/PI. Utiliza-se a Teoria das Representações Sociais como suporte teórico para conhecer o olhar do aluno (a) sobre a “nova infância” e suas brincadeiras, onde o pesquisador cria uma metodologia própria a partir da consideração dos dados e das pistas metodológicas deste referencial teórico.

Segundo Jodelet (2001), a representação social “é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nela se manifestam”. A representação social tem como seu objeto uma relação de simbolização, substituindo-o, e de interpretação, conferindo-lhe significações.

Para a obtenção do material empírico, utilizou-se o recurso metodológico da entrevista semiestruturada, valorizando a presença do investigador, oferecendo todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias na investigação (TRIVIÑOS, 2007).

A opção de trabalhar com alunos da 5º Ano do ensino fundamental justifica-se pelo fato de que na fase aqui estudada – a infância – marca o último estágio antes de se nomearem pré-adolescentes. Serão entrevistados 60 estudantes (30 de escolas públicas e 30 de escolas privadas), até para perceber as diferenças na disseminação do perfil da “nova infância” entre os dois sistemas escolares. Julga-se ser essa amostra suficiente para validar os achados da pesquisa.

Ao falar, os informantes (as crianças) se significam e significam o próprio mundo, fazendo com que a realidade se constitua nos sentidos das brincadeiras praticadas pelos sujeitos. Assim, as falas das crianças permitem inferir suas concepções de mundo e, também, deduzir sua orientação para a ação.

Conhecendo as representações sociais construídas pelas crianças é possível compreender o mundo dessas crianças, bem como suas concepções, valores e construções simbólicas nas quais suas práticas sociais estão ancoradas na sociedade digital.

5. Análise e discussão dos dados

Tendo em vista que esta investigação buscou uma ênfase no perfil da infância e das brincadeiras pertinentes a esta fase de desenvolvimento humano, fez-se a opção pelo desenvolvimento da pesquisa numa abordagem qualitativa a partir de entrevistas com crianças. A partir dos dados coletados, procedeu-se uma análise minuciosa à luz da análise do discurso, da qual foram retiradas categorias que dizem respeito às representações das crianças, sujeitos da pesquisa.

De posse dos dados analisados, organizados de acordo com as considerações de Bardin (2007), foram agrupadas as categorias descritivas das entrevistas, as quais materializam e comunicam as representações sociais. Como resultado, foi possível conhecer as

representações sociais da “nova infância”, que se encontram ancoradas em: infância é tempo de brincar, as brincadeiras tradicionais, brincar no computador e brincar na Internet.

A primeira categoria a ser objetivada nas representações sociais das crianças foi: a infância é tempo de brincar. Na grande maioria das entrevistas, os sujeitos já surpreenderam com forte posicionamento da infância como um tempo em contraposição à vida adulta. Para as crianças, ser criança é ser o contrário do adulto, onde criança brinca, adulto trabalha. Esta representação foi coincidente tanto para crianças das escolas públicas quanto das escolas particulares.

Nessa categoria foram reunidas aquelas mensagens que imputam à infância um tempo de brincar. Alguns exemplos podem ilustrar essa visão:

Significa aproveitar porque o adulto só vive de trabalhar (S3, Esc Pub).

Ah! Infância é brincar, ter horas livres para brincar! (S2, Esc Part).

É continuar brincando, não desperdiçar o tempo e estudar antes de ser adulto (S12, Esc Part).

Ser criança é brincar e não trabalhar assim como diz a lei! (S15, Esc Part)

É ser feliz... por exemplo é a gente brincar, se divertir. É aproveitar porque a gente é criança. Porque depois a gente vai crescer! (S24, Esc Part).

A segunda categoria mais recorrente foi brincadeiras tradicionais. As brincadeiras tradicionais (pega-pega, subir em árvores, corrida, bola, bonecas, amarelinha, pular corda e outras) contribuem para refletir uma resistência à cultura contemporânea, situada numa sociedade dita pós-moderna. Viu-se nas representações sociais objetivadas pelos sujeitos uma recuperação das brincadeiras tradicionais, numa manutenção do repertório lúdico da cultura infantil. Com as brincadeiras tradicionais, as crianças continuam expressando a riqueza de seu imaginário e sua relação com o mundo.

As falas dos sujeitos negam a razão de que as crianças não brincam como antigamente, como a priori foi previsto como hipótese de um perfil para uma “nova infância”.

Admite-se a permanência de um núcleo ativo da infância tradicional ainda constituindo a “nova infância”, vivenciada pelas crianças nas mais diversas heranças das brincadeiras tradicionais. A importância das brincadeiras tradicionais foram ilustradas nas falas dos sujeitos:

Brincar de jogar bola e de esconde-esconde e do queima! (S4, Esc Pub).

Brincar, jogar bola e empinar papagaio (S5, Esc Pub).

Esconde-esconde, pular amarelinha e correr! (S9, Esc Pub).

Pique-esconde, de trepar em árvore e de corrente (S1, Esc Part).

Jogar bola, brincar do fica e do esconde, de corrente e do pega! (S15, Esc Part).

Brincar no computador constitui-se na terceira categoria presente nas representações sociais das crianças, constituindo com isso, uma nova sociabilidade, um novo perfil da infância. O desenvolvimento tecnológico aumentou as possibilidades de espaços de brincar do homo zappiens, dos novos sujeitos históricos constituintes da nova etapa histórica que se apresenta em fragmentos nessa pós-modernidade.

O sentido da mudança no perfil da “nova infância” está na capacidade das crianças de se adaptar à mudança das circunstâncias. Chamamos isso de aprendizagem. As crianças que brincam de polícia e bandido fazem o mesmo de simulação que as crianças que jogam no computador. Nesta categoria, ficou evidente uma distinção no perfil da infância, onde as crianças da escola pública ainda estão fortemente situadas nas brincadeiras tradicionais enquanto as da escola particular já estão muito situadas na dinâmica dos jogos no computador. Muito ainda nomearam a utilização do vídeo game de forma residual.

A seguir são apresentados alguns trechos da fala dos sujeitos a respeito das brincadeiras no computador:

Jogo no computador e às vezes faço pesquisa (S4, Esc. Part).

Ficar muito tempo curtindo um jogo no computador (S6, Esc. Part).

Jogar jogo no computador após a tarefa (S15, esc part).

Costumo jogar na lan-house jogos no computador (S25, Esc. Part).

Jogar no computador com meus primos e também estudar no computador (S27, Esc. Part).

A quarta categoria presente na fala dos sujeitos é brincar na Internet. Aqui coincidem crianças das escolas públicas e particulares, pois o seu uso se encontra realmente disseminado na “nova infância”, apesar de que seu uso ainda é maior entre as crianças da escola particular. Utilizar a internet possibilita usar sempre o que há de mais novo e mais disponível. Elas adotam facilmente novos aplicativos que facilitam a fazer coisas que não conseguiam fazer antes. É um ambiente para se comunicar e compartilhar informações.

Sobre o brincar na internet, assim os sujeitos se manifestaram:

Gosto de entrar na internet para jogar com os amigos (S6, Esc. Pub).

Ficar na internet com minhas amigas e jogamos muito! (S13, Esc. Pub).

Acesso a internet, entro na plataforma e brinco na internet ou vou ver o recado de minhas amigas (S 26, esc. Part.).

Gosto de jogar, mexer no Insyagram e no msn! (S28, Esc. Part.).

Eu costumo usar a internet, de vez em quando entrar no meu jogo. (S30, Esc. Part.).

6. Conclusão

As entrevistas permitiram analisar as representações sociais de crianças da 5º. Ano do Ensino Fundamental acerca das brincadeiras da “nova infância”. Os dados evidenciaram trajetórias de uma infância ainda marcada fortemente por elementos da infância tradicional.

Ou seja, uma infância ainda constituída pelas práticas da tradição de um tempo de brincadeiras tradicionais e um tempo de contraposição à vida adulta.

A infância como tempo de brincar constitui-se pela interação de vários fatores presentes num movimento permanente de continuidades e rupturas, com a presença forte das brincadeiras tradicionais junto às brincadeiras praticadas no ambiente virtual dos computadores e da internet.

Se há alguma evidência sobre o desaparecimento da infância ou transformação de algumas práticas culturais típicas da infância, há que reconhecer o que é específico da infância, como sua universalidade de tempo de brincar. Notamos, no conjunto dos dados, uma construção social que relaciona a permanência de um núcleo vivo da infância, onde podemos perceber que, mesmo modificadas, as brincadeiras ainda fazem parte do imaginário e do desenvolvimento infantil, além de promoverem interações e sociabilidades na “nova infância”.

Brincando, as crianças expressam a riqueza de seu imaginário e revelam como entendem e se relacionam com o mundo atual. E é por meio das brincadeiras tradicionais, dos jogos no computador, do uso da internet, que acontece sua relação com a cultura digital, constituindo os novos sujeitos.

Se essa cultura digital materializa-se por meio dessas diversas formas, aqui nomeadas como categorias da pesquisa, entre elas a brincadeira tradicional, é fundamental possibilitar uma reflexão sobre as possibilidades de usos dessas novas formas de socialização infantil, que revelam elementos centrais do mundo das crianças.

Mesmo numa sociedade altamente dominada pela cultura digital, onde a cultura gerada pelos computadores determina cada vez mais as relações das crianças entre si, as crianças continuam brincando com brincadeiras que fazem uso da corporeidade. Nesta pesquisa

realizada com crianças sobre o repertório de suas representações sociais, nas hipóteses iniciais havia muitas expectativas em relação à formação da “nova infância”, com uma idealização de um novo perfil para as crianças, porém foram encontradas muitas surpresas, tal como a força das brincadeiras tradicionais.

Nesse contexto, esperamos que os resultados apresentados ofereçam elementos que podem despertar discussões no campo da infância e da sociologia da educação, a partir da articulação da teoria das representações sociais.

Referências

- ARIÉS, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BERGER, L. Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa.; VARLOTA, Yeda Maria da Costa Lima. As representações sociais de professores do ensino médio. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 15, n. 30, jul./dez. 2004.
- JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LEVIN, Esteban. **Rumo a uma Infância Virtual?** A imagem corporal sem corpo. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- _____. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar,1978.
- POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2002.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2007.

VEEN, Win & VRAKKING, Bem. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.